Luis Lopes

PORTO A CORRER, 20 ANOS DEPOIS

A CONCRETIZAÇÃO DE UMA IDEIA

I
A PRIMEIRA ABORDAGEM

Há cerca de 40 anos o atletismo português passou num ápice de uma presença praticamente desapercebida a nível internacional para um patamar totalmente diferente, capaz de levar o país às medalhas nas principais competições internacionais, como os Jogos Olímpicos e campeonatos europeus, e, depois, nos campeonatos mundiais, os quais só viram a luz do dia em 1983.

Em 1976 Carlos Lopes ganhou a medalha de prata olímpica nos 10000m e, nesse ano, sagrar-se-ia também campeão mundial de crosse, algo que viria a repetir mais tarde, em 1984 e 1985; depois dele, três fundistas lusos acabariam por se sagrar campeões olímpicos, o próprio Lopes, no ano de 1984, Rosa Mota, em 1988, ambos na distância da maratona, e, muito mais tarde, Fernanda Ribeiro nos 10000m, em 1996, para além da medalha de bronze nos Jogos de 1984 por António Leitão nos 5000m. Vieram entretanto muitos outros títulos na corrida de média e longa distância, como os ceptros europeus de Rosa Mota na maratona ou de António Pinto nos 10000m, o título mundial de 1995 e outras medalhas de Manuela Machado também na maratona, o título mundial de Conceição Ferreira em 1993 na meia maratona, títulos e medalhas em 5000m e 10000m a nível mundial para

Domingos Castro, Fernanda Ribeiro e Conceição Ferreira, o título mundial de *crosse* de Albertina Dias em 1992, os títulos europeus de crosse de Paulo Guerra, que começaram em 1994, enfim, um sem número de sucessos mobilizadores.

A partir de meados dos anos setenta do século passado, o meio fundo e fundo luso criou aquilo que se designou como uma "escola", e alcançou resultados pouco antes impensáveis. Medalhas e títulos, como visto, mas também recordes – mundiais por Fernando Mamede nos 10000m, Dionísio Castro na hora, Fernanda Ribeiro nos 5000m, e o oficioso na Ponte 25 de Abril de António Pinto na meia maratona, e o europeu, que ainda perdura, pelo mesmo António Pinto na maratona de Londres do ano 2000. Praticamente tudo foi conseguido, antes do despoletar da revolução africana na corrida de longa distância ter esbatido o poderio das potências do sul da Europa, e o de Portugal em particular.

A partir de 1975, pouco mais de um ano transcorrido sobre a revolução dos cravos, as corridas de massas começaram a conjugar-se com os feitos alcançados pelos atletas de elite, tomando conta do panorama atlético nacional. A meia maratona da Nazaré arrancou nesse ano, já distante um movimento que se tornaria imparável e que se estendeu a todo o país.

II
A ASCENSÃO DO PORTO

Neste contexto, Jorge Teixeira, um portuense nascido em 5 de Março de 1955, na freguesia de Cedofeita, desenvolveria uma enorme paixão pelo desporto olímpico número um, sobretudo nesta vertente da corrida de longa distância. E não foi por acaso, pois o caldo de cultura a isso induzia, ou não tenham os artífices da enorme subida do fundo lusitano nas duas últimas décadas do século passado sido, sobretudo,

e em elevadíssima percentagem, atletas oriundos do Norte, sobretudo do Minho e Douro Litoral, mas também de Trás-os-Montes. Corredor de pelotão, Jorge Teixeira iniciou-se nessas lides aos 32 anos de idade e ainda hoje mantém essa vertente activa, embora em decréscimo a partir dos 50 anos, devido ao concomitante aumento de responsabilidades noutras áreas ligadas à corrida.

Porém, essa actividade não era totalmente satisfatória e suficiente, e a ideia da criação de uma grande equipa de meio fundo, capaz de disputar as principais competições de estrada e *crosse*, mostrou-se uma necessidade incontornável face à dominação das equipas de Lisboa, então o Sporting e o Benfica, que acabavam por abarcar nos seus quadros os fundistas predominantemente oriundos do Norte, antes da criação do Maratona CP.

Essa equipa de fundo veio a ser a Terbel, saída de um clube com uma estrutura baseada numa empresa detentora de cerca de cem sapatarias – de nome Terezinha e Beleza – sedeadas no Norte do país. O clube foi formado em 31 de Agosto de 1990, na base da ideia mantida por Jorge Teixeira e um amigo, Pedro Pereira, enquanto o presidente do clube passava a ser Fernando Teixeira da Silva, dono da empresa detentora das sapatarias acima referidas. Jorge Teixeira ficou como vice-presidente, e, de facto, como director desportivo, sendo também proeminente na dinamização do Clube de Veteranos do Porto. Na Terbel, com um orçamento reduzido, conseguiu excelentes resultados num lapso de tempo bastante curto. O clube teve nos seus quadros atletas de grande valia, como José Regalo, uma das figuras olímpicas nos 5000m, nos Jogos de Seul de 1988, Fernando Couto, Henrique Crisóstomo, que, a meio do anos noventa, viria a vencer a maratona de Paris, Luís Novo, quarto classificado na maratona dos Mundiais de 1999 em Sevilha, Paulo Ferreira, Rui Borges, Paulo Catarino, João Lopes, Cândido Maia, que chegou a ser recordista nacional dos 3000m em pista coberta, António Salvador, Alcídio Costa, Ângelo Pacheco e Rui Vieira, entre outros.

Depois de um nono, sexto e quarto lugares colectivos nos Nacionais de crosse de 1992 a 1994, a Terbel, no certame de 1995 disputado no Parque da Cidade da Invicta, obteve o seu primeiro pódio, com o terceiro lugar e com José Regalo também como terceiro individualmente. Essa terceira posição foi repetida em 1996 (Marvão) e 1997 (Seia) e melhorada para um segundo posto já numa fase mais adiantada do clube, em 2000, nos campeonatos de Vilamoura.

Em estrada as coisas correram ainda melhor, dado que a Terbel venceu as duas primeiras edições da nova série dos Campeonatos de Portugal, iniciada com a corrida de 1996 no Tagarro e continuada com a de 1997 em Mafra. Nessa primeira edição, Fernando Couto foi segundo individualmente e na segunda, Paulo Catarino sagrou-se vencedor. Nos dois anos imediatos a Terbel obteve segundas posições em Vila Real de Santo António, em 1998, e em Benavente, no ano subsequente.

III
DA TERBEL À RUNPORTO

A actividade da Terbel não se circunscreveria, porém e apenas, à participação clubística em provas de interesse nacional e regional. Faltava algo mais, e a organização de uma corrrida de São Silvestre numa cidade portuguesa com o impacto que o Porto tinha no atletismo era algo inescapável, visando colmatar essa lacuna que se fazia sentir. Esta iniciativa foi a que marcou o desenvolvimento futuro. A Terbel e o Clube de Veteranos do Porto, mais a Associação de Atletismo da Invicta, investiram no lançamento de uma corrida de São Silvestre que se mostrou de interesse histórico, embora na altura se apresentasse como algo que ficava no âmbito do experimental.

Apesar das dificuldades próprias de uma noite de temporal (ver texto especializado adiante) no último dia do ano de 1994, a prova pegou e de forma imparável. Cresceu rapidamente, tornou-se a maior São Silvestre portuguesa e, agora, vai cumprir 20 anos de vida.

Seguiu-se, em pouco mais de meia década, a Corrida de São João. Numa situação de vazio organizativo para um evento marcante da cidade, e que coincidia com a celebração das suas festas populares – o São João –, os mesmos que agarraram a São Silvestre meteram mãos à obra e a Corrida Festas da Cidade /São João surge no calendário atlético português, com uma primeira edição levada a cabo em Junho de 2000, e que, com o passar do tempo, se tornou a mais importante corrida portuguesa certificada de 15 km.

Entretanto, fruto de circunstâncias económicas adversas, a Terbel viria a terminar como clube de atletismo; o vazio daí decorrente acabaria por ser preenchido pela chegada da Runporto, cuja semente se encontrou, precisamente, nas primeiras organizações referidas.

O processo que deu origem à Runporto propriamente dita é, como o nome indica, algo que se sedimentou com o tempo, com o ganho de experiência na organização de eventos mobilizadores de milhares de participantes, e com todo o montante de trabalho directamente envolvido na preparação e gestão desses eventos.

Como em boa parte de casos semelhantes, alguns momentos dispersos significaram passos sucessivos face ao resultado que agora se conhece. Em primeiro lugar foi o tempo tecnológico que se viveu a meio da década de noventa do século passado, com o aparecimeto e utilização rápida de novas ferramentas, em especial a Internet. Depois, resumindo, foi o conhecimento travado por Jorge Teixeira com o Dr. Abílio Cunha, da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, da qual ainda é hoje o presidente. Abílio Cunha era um entusiasta das corridas populares e grande especialista informático, e de imediato alertou Jorge Teixeira de que deveria criar um *site* na Internet

de forma a "dar a conhecer ao mundo o trabalho que estava a ser feito e os objectivos" da sua embrionária organização.

Da colaboração entre ambos e após a criação do *site*, surgiu a questão: como o designar, que nome lhe pôr? Como tantas vezes as ideias mais brilhantes são também as mais simples, foi ainda a Abílio Cunha que se ficou a dever aquilo que parece hoje uma evidência, e que na altura estava longe de o ser. Simplesmente "Run", de corrida, na língua universal de Shakespeare; corrida mais Porto, estava achado o nome: Runporto!

A partir de um *site* muito utilizado e em grande expansão, foi dado o passo decisivo para a criação de uma empresa com o mesmo nome. Nos contactos que foram mantidos na sequência da jovem vigência do novo *site*, ficou claro que haveria necessidade da criação de uma entidade para gerir toda a contratualidade envolvida no lançamento das várias competições. Particular importância teve na altura a ligação com a reputada empresa SportZone no sentido do lançamento de uma meia maratona no Porto e Gaia. A SportZone fez realçar a necessidade da existência de uma empresa que se constituisse como entidade centralizadora dessa contratualidade, e, em especial, para a negociação dos patrocínios envolvidos nos eventos.
Isto levou, há dez anos atrás, ao nascimento da Runporto empresa, logo a seguir ao lançamento do *site*.

Os passos iniciais foram dados com sucesso, e a Runporto não mais deixou de crescer. A seguir à São Silvestre e à Corrida de São João, dá-se o lançamento, entre outras, de provas hoje cruciais e emblemáticas no calendário atlético português e da região Norte – em 2004, ano decisivo para a nova empresa, arrancam a Corrida Dia do Pai, em Março, e a Maratona, em Outubro; em 2005 surge o Porto a Subir, que para marcar terreno teve logo duas edições; em Março de 2006 viu a luz a Corrida da Mulher; em Setembro de 2007 tem lugar a primeira Meia Maratona SportZone.

Milhares e milhares de atletas, desde os melhores do mundo e do país aos mais anónimos, foram fazendo a história da Runporto ao longo de todos estes anos. Além do mais, a responsabilidade social da empresa fez ligar aos seus eventos sucessivas campanhas solidárias, pelo que foram também inúmeras as entidades de solidariedade social para as quais os eventos da Runporto angariaram fundos.

Tem sido uma história fantástica de sucesso, única em Portugal, de que nos próximos capítulos se dá conta, evento a evento.

AS PRINCIPAIS PROVAS DA RUNPORTO AO LONGO DOS ANOS

I

CORRIDA DIA DO PAI

A Corrida Dia do Pai é desde 2004 a primeira grande prova da Runporto em cada ano civil, e a primeira de duas com intuitos competitivos limitados, precedendo a Corrida da Mulher no calendário. Trata-se de um evento com desejo de festejar uma efeméride importante, um marco, ou seja o Dia do Pai; e popularizar a corrida para todos no Porto, pois embora celebre a figura do Pai, como o seu nome indica, é obviamente aberta a mulheres.

A participação é algo de determinante num evento deste tipo, e a Corrida Dia do Pai foi desde a primeira edição logo aquela, de entre os eventos organizados pela Runporto, que excedeu cinco mil participantes. No dia 21 de Março de 2004, 5180 pessoas participaram na Corrida Maxmat Dia do Pai, e encetou-se uma prática mantida ao longo dos anos, a de fazer reverter um euro de cada inscrição para uma entidade de solidariedade social, neste caso particular, para o Abrigo

Infantil de Nª Sr.ª das Candeias. Muitas figuras públicas, ex-atletas ou não, entre elas incluindo-se o engenheiro Belmiro Azevedo, participaram de uma maneira ou de outra, e para a história ficou o nome dos primeiros vencedores: Pedro Sampaio, nos homens, Marisa Barros, nas mulheres.

Evento lançado, evento sempre em progresso. Na segunda edição participaram 6.837 pessoas, na terceira, foi ulrapassada a cota daz dez mil, com 10.220 em acção, apesar de chuva bastante intensa.

Em 2007, na quarta edição, cerca de 17 mil participantes põem-se em movimento ao tiro de partida dado pelo campeão olímpico da maratona em 1984, Carlos Lopes, divididos entre a prova principal e a Mini corrida.

Este total foi de 15 mil pessoas em 2008; 14.430 no ano imediato; 12.400 em 2010; e de 2011 a 2013 o total de participantes estabilizou entre 12 mil e 12.300, mantendo o evento como um dos mais participados em Portugal.

Apesar do intuito competitivo moderado, muitas figuras relevantes do atletismo foram ganhando a Corrida Dia do Pai ao longo dos anos. Após o seu triunfo inaugural, Marisa Barros voltaria a vencer em 2009, sendo ainda segunda em 2008, logo atrás de Fernanda Ribeiro, que obteve a primeira de duas vitórias com um ano de intervalo.

"A 31 de Dezembro de 1993 nasceu a corrida de S. Silvestre da cidade do Porto, assim como nasci eu como organizador daquelas que são hoje as mais carismáticas provas de atletismo, não só da minha cidade, como também do meu país.
Sinto um enorme orgulho pelo trabalho feito,relembro com saudade e nostalgia muitos e muitos episódios passados ao longo destes anos. Com eles, muito apreendi para ensinar, e, hoje, olhando para trás, acho que faria tudo da mesma maneira."

Jorge Teixeira

"A gratificação maior que encontro no culminar destas duas décadas de actividade é ver as estradas como um mar de gente, sempre que há mais uma corrida da Runporto."

Aurora Cunha

"Hoje penso que a nossa modalidade, sendo a mais universal e tendo na corrida o seu aspecto de base mais vincado, beneficia da "democratização", por assim dizer, que os eventos de corrida abertos a todos permite. Esta expansão do movimento da corrida para todos não se pode, e sobretudo não se deve, interromper. Ela cria uma base social de participação que pode permitir a evolução de quem quiser ou puder para o desporto de alto rendimento, e em última análise para o Olimpismo."

Jorge Vieira